



Vigilância Sanitária em Debate

ISSN: 2317-269X

INCQS-FIOCRUZ

Araújo, Daniella Guimarães de
O 8º Simpósio Brasileiro de Vigilância Sanitária, Guimarães Rosa e as veredas possíveis
Vigilância Sanitária em Debate, vol. 8, núm. 1, 2020, Janeiro-Março, pp. 1-2
INCQS-FIOCRUZ

DOI: <https://doi.org/10.22239/2317-269X.01474>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570566590001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

O 8º Simpósio Brasileiro de Vigilância Sanitária, Guimarães Rosa e as veredas possíveis

Daniella Guimarães de Araújo* 

Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente - dá susto de saber - nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza...¹

Toda vez que se pensa em Guimarães Rosa, o homenageado da vez no 8º Simpósio Brasileiro de Vigilância Sanitária (Simbravisa) de 2019, a palavra travessia ou a palavra sertão aproxima-se.

De tempos em tempos, nossos sertões reais se intensificam e atravessamos os desafios e os problemas decorrentes de um mundo de incertezas, vulnerabilidades, desigualdades e misérias.

O avanço tecnológico, a produção científica e a vigilância sanitária não se dissociam desse mundo no qual os problemas se justapõem e as dualidades ficam ainda mais apartadas.

O ano de 2020 mal começou e já tivemos: cervejas relacionadas não ao prazer e à alegria, mas a danos e à morte, em Minas Gerais; o ambiente e a vida de milhares de pessoas destruídos por mudanças climáticas em diversos pontos do nosso país; a irresponsabilidade quanto à água de consumo no Rio de Janeiro com metabólitos de algas e detergentes proibidos; a emergência do coronavírus e as enormes dificuldades, entre elas, a comunicação dos riscos com a sociedade. Todos problemas ligados à vigilância sanitária.

Desta forma, estamos todos atravessando sertões e em busca de algum refrigerio. Metaforicamente, também somos parte do Corpo de Baile - título de uma obra memorável de Guimarães Rosa -, em constante trânsito, na busca de vida, saúde e dignidade.

O mesmo ideário conduz a saúde coletiva. Reunir a sociedade organizada, trabalhadores, pesquisadores e gestores para refletir e dialogar sobre vigilância sanitária. É um pouco desse processo de busca.

Com o tema Democracia e Saúde - Caminhos e Descaminhos da vigilância sanitária realizou-se em Belo Horizonte o 8º Simbravisa em novembro de 2019, reunindo 1.099 trabalhadores, pesquisadores, professores, estudantes de graduação e pós-graduação, gestores, profissionais de saúde, conselheiros de saúde. Também, faço questão de destacar, o povo sertanejo que veio dos sertões roseanos, representando a cultura das comunidades que ele amou e descreveu.

Um simpósio como esse possui potência para dar novo sentido às práticas, num país carente de soluções para essas questões que assolam nosso dia a dia. Principalmente para a vigilância sanitária tradicionalmente instituída, que nem sempre tem como pensar de forma contextualizada a democracia, as políticas sociais, a saúde e o sistema no qual está inserida. Para uma vigilância sanitária quase sempre sem condições para o diálogo com o sofrimento humano e o mais inóspito dos sertões que atravessam as cidades e seus múltiplos ordenamentos urbanos hoje em dia.

Nesse ambiente, o tema do simpósio apontou para a importância do pensamento contextualizado considerando os tempos de fragilidade democrática e consequente fragilização do Sistema Único de Saúde (SUS).

Superintendência Regional de Saúde
de Sete Lagoas, Secretaria Estadual
de Saúde, Sete Lagoas, MG, Brasil

* E-mail: daniella.araujo@saude.mg.gov.br



Apontou para a vulnerabilidade do ambiente e da vida considerando Brumadinho e Mariana, a força do poder dos mercados *versus* a da sociedade.

Uma oferta que incluiu desde a discussão das principais tragédias sanitárias ocorridas no país e questões emergentes do cotidiano do trabalho, até a culminância da fala de Marcelo Firpo ao encerrar o simpósio: a chegada ao coração da vigilância sanitária².

Nesse ponto faço a minha contribuição, tomando de empréstimo a inspiração do escritor homenageado. Partindo desse coração.

Foi o coração que pensou levar ao simpósio as pessoas do sertão roseano. Como símbolo do que acreditamos - a ligação entre saúde e cultura - que não se traduz em algo isolado, ligado ao espetáculo, ao objeto decorativo ou ao entretenimento. Cultura como base para fundarmos nossa sociedade.

Cultura como baluarte de um processo civilizatório fundamental à construção da saúde em seu conceito ampliado.

Viver democraticamente é, também, instigar a solidariedade, fortalecer as relações entre os diferentes e respeitar o conhecimento desigual. Buscando equilíbrio entre a ação dos mercados e as ações de preservação da vida. O equilíbrio entre regulação e emancipação, como sinaliza Santos³.

E conforme disse Firpo, “cabe à VISA, promover um tipo de regulação com práticas mais ousadas de participação social; não de consumidores ou beneficiários, mas cidadãos e sujeitos com voz ativa, vinculadas a lutas sociais emancipatórias”⁴.

Essa fala conecta-se com a obra de Rosa que nos clareia um mundo que não se constitui apenas pela racionalidade científica. Em seus contos e romances, o escritor agrega a voz e a vez dos desiguais, inclui, não segrega. Ressalta o sujeito em dignidade e capacidade de luta, capaz de ser potência e não súdito.

O modo como se produz saúde e vida e como se produz vigilância sanitária devem ser capazes dessa participação. Incluyente em todos os sentidos dessa bela palavra. Uma ação que é “mutirão de todos”: Estado e sociedade. Mercados e consumidores.

A vida diária nos remete a inúmeras questões comuns e afetas à vigilância sanitária. O raizeiro com suas ervas e seu conhecimento. O vendedor de cachorro quente da esquina e seus frequentadores habituais. Os pescadores e os agricultores participando da merenda escolar. Os indígenas e a mandioca processada para ser vendida na feira, o fazedor de queijos, a aspirante a dona de salão de beleza estão em todas as cidades. Entre os grandes donos do capital, das empresas produtoras de alimentos processados e medicamentos, das megas-farmácias aos megaempresários dos produtos ditos para a saúde. É também dessa cultura, desse modo econômico e social que falamos.

Por isso instalamos no mesmo piso das conferências científicas, a ação de um raizeiro, um benzedor, uma contadora de histórias

e histórias, uma musicista e as bordadeiras. Para homenagear as diferenças, os invisíveis, os colocados à margem, os que estão à deriva. Por isso o Seu Tico e a Maria. A Nuely, a Uiara, a Bárbara, a Fátima. A Clarinha. A Maria dos Reis e a Leidiane.

Por isso Cordisburgo, Morro da Garça e Andrequicé, cidades pequenas desse grande sertão.

Para dizer sobre os vínculos necessários, os diálogos imprescindíveis, a natureza una de todas as racionalidades, para formar espaços de convivência e não de entretenimento.

Com-viver é também papel da vigilância sanitária.

Não essa burocrática, centrada em documentos e inspeções roteirizadas, mas aquela que se preocupa com a dinâmica de um aglomerado urbano, com a vida na cidade em suas dimensões civilizatória e incluyente, por assim dizer, a dimensão poética, capaz de dar sentido.

Por isso fizemos uma homenagem que juntou ao erudito o popular, aos intelectuais, os trabalhadores manuais. Ao que é, o que não é. À doença, a saúde. Ao físico, o metafísico. À guerra, o amor. Dualidades, como Guimarães Rosa tanto gostava.

Em tempos nos quais o pensamento está ameaçado pela censura e pelo ambiente vilipendiado, esse autor nos estimula a ler o mundo e a encarar uma vastidão de modos de vida aos quais devemos respeito.

A vigilância sanitária contemporânea com todo seu conhecimento técnico necessita compreender e reconhecer o político e o social, respeitando e integrando saberes à sua função precípua no controle e diminuição de riscos, conforme desejo daqueles a quem servimos. Somos servidores do público.

Acreditamos que o simpósio tornou clara a importância de ir além do conservadorismo característico da vigilância sanitária em seu modo de agir e buscar a compreensão do que seja justiça social em tempos tão brutos como os que hoje atravessamos.

É bom que esse campo de atuação fundamental do SUS se envolva ativamente com os problemas de um mundo em permanente transformação.

E não continue, autoritário, somando processos administrativos, vivendo a reboque dos danos. É preciso que encontre as verdades possíveis, fonte de conhecimento e intervenção potente na sociedade dos riscos.

É preciso que agregue, também, os marginalizados da economia. Da ciência. Da política. Os seres provisórios de que fala Riobaldo. Os capiaus, os catrumanos, de Rosa.

O tema do simpósio e a homenagem ao escritor suscitaram questionamento basilares: seremos capazes de inovar técnica e politicamente em nossas ações, agregando, dialogando, intervindo sobre determinantes ou continuaremos como fazedores ininterruptos de tarefas impostas pelo mercado?



Veredas, no sentido roseano, são lugares de água, pujança, buri-tis, lugar de vida possível. Lugar de Saúde no inóspito, onde não há mais danos na travessia.

Que essa poesia inspiradora dos buritizais chegue aos corações e nos conduza os gestos.

Aos colaboradores e coordenadoras do Grupo Temático de Vigilância Sanitária/Associação Brasileira de Saúde Coletiva⁴ que, ao longo do caminho, souberam tornar possível o crédito nesses futuros mais amenos. Aos parceiros ausentes nesse

Simpósio, mas que sempre colaboraram para sua continuidade: André Gemal, Agenor Silva, Alice Pequeno, Ediná Costa, Gisélia Souza, Vera Pepe.

Nosso agradecimento a cada participante que veio a Minas e que encontrou veredas capazes de alargar a mente, refrescar o espírito e retesar os músculos para a ação.

Democracia e Saúde!

REFERÊNCIAS

1. Rosa JG. Grande sertão: veredas. São Paulo: José Olympio, 1956.
2. Porto MFS. Crise das utopias e as quatro justiças: ecologias, epistemologias e emancipação para reinventar a saúde coletiva. Cienc Saude Coletiva. 2019;24(12):4449-57. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182412.25292019>
3. Santos BS. Renovar a teoria crítica, e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo; 2018.
4. Dias BC. Marcelo Firpo: coracionem a vigilância sanitária. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Saúde Coletiva; 2019.

Conflito de Interesse

Os autores informam não haver qualquer potencial conflito de interesse com pares e instituições, políticos ou financeiros deste estudo.



Esta publicação está sob a licença Creative Commons Atribuição 3.0 não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/deed.pt_BR.